

2ª PARTE

ESTUDOS

Em Trânsito

Pedro Salgueiro¹³

“— Ó Fortaleza, multidão de portas e postes batendo com sua luz adolescente no olho da eternidade!

Fortaleza de 300 mil bocas ardentes como o sol,
famintas de amor e tragos de farinha.

Fortaleza de prédios mal-acabados, espetando a noite furiosa e [redonda.
Fortaleza, avenida de neon, deslizando para todos os desejos.

Fortaleza, Bezerra de Menezes, seis mãos indo e voltando,
e uma dor viajando, num só sentido, no banco traseiro de um táxi,
para onde vamos?

Fortaleza, solidão escamosa, suor noturno, revelação.

EU TE PERCORRO!...” (Adriano Espínola)

“Às vezes chegava um estranho, alguém que se infiltrava entre os automóveis, vindo do outro lado da pista ou das filas externas da direita, que trazia alguma notícia, provavelmente falsa, repetida de carro em carro ao longo de escaldantes quilômetros.” (Julio Cortázar)

O poeta cearense, residente há mais de uma década no Rio de Janeiro, Adriano Espínola tem seu livro mais conhecido intitulado *Táxi*, nele um casal faz um passeio “poético-afetivo” por Fortaleza, indo da Av. Bezerra de Menezes ao “último motel da Praia do Futuro”; o belo livro (que já se tornou, apesar do pouco tempo de publicação, um clássico de nossa literatura) é da década de 1980 e, como já antecipara com seu *Fala, Favela* um pouco antes em relação à temática social, inovou uma vez mais: levando nossa poesia para o espaço do caótico do trânsito (e “trânsito” foi a palavra usada pelo poeta para nomear uma edição desse citado *Táxi* junto com outro livro seu, *Metrô*; mais precisamente *Em Trânsito*).

13. Contista e cronista.

Pois bem, se nosso poeta, em vez de escrever seu livro há três décadas, fosse escrevê-lo hoje teria que desenvolvê-lo em, no mínimo, uns três volumes, para percorrer o mesmo percurso “físico-poético”; ou até mesmo transformá-lo numa saga ou, possivelmente, num livro de aventuras, pois percorrer qualquer distância em nossa engarrafada capital hoje se tornou uma tarefa, mesmo para os poetas habilidosos como Adriano, por demais penosa.

O argentino Julio Cortázar, em um de seus contos mais conhecidos, “Auto-Estrada do Sul”, descreve um kafkiano congestionamento em uma auto-estrada da França, a década era também a de 1980.

A curta narrativa antevia (algumas décadas antes) um dos problemas mais emblemáticos do homem contemporâneo: o excesso de carros.

Transito por Fortaleza há precisamente trinta e quatro anos, e nessas mais de três décadas tenho acompanhado uma transformação tão brutal quanto essa do idílico passeio de nosso poeta por uma fortaleza ainda bucólica mas já com “cheiro” de gasolina da metrópole para o trágico pesadelo do argentino radicado em Paris.

A nossa tragédia urbana no trânsito somente poderia ser representada por uma literatura que beirasse o fantástico, ou o surreal...

Ao pesadelo do trânsito nosso de cada dia, somaram-se outros e outros problemas, a violência campeia junto com a impunidade e a incompetência governamental; na mesma via e, muitas vezes, na contramão. E a nossa parcela de individualismo somente agrava: e haja automóveis nas ruas.

São Paulo praticamente parou com seus 3,8 milhões de carros (por lá se estuda a implementação de agora 2 dias de rodízio em vez de 1 e outras medidas drásticas); Fortaleza ultrapassa 1 milhão, com perspectiva de 1,2 milhões já em 2015. De toda essa tragédia farta-

mente anunciada pouco se tem feito de sério para combater, prevenir o caos que por certo virá.

Aumentar e enlargar ruas, criar novas vias, viadutos duplos, triplos etc., será apenas render-se ao poderio individual, ao império do carro (qualquer família classe-média remediada não quer ter somente dois automóveis, já pensa no terceiro para o filho universitário). Tímidas ciclovias são criadas mais pra demonstrar boas vontades administrativas; simples fazemos-de-conta-que-criamos-e-vocês-fazem-de-conta-que-acreditam. Trens metropolitanos levam mais de uma década para serem construídos, enterrando o dinheiro e a paciência do contribuinte.

Além da mudança radical de mentalidade (o que já se vislumbra nos vários discursos) de que o coletivo é mais importante que o individual; de que o transporte público com qualidade é mais importante que a tentativa inútil de acompanhar o aumento da quantidade de automóveis.

Enquanto soluções mais sérias (e definitivas) não são implementadas, urge imediatas medidas: — Criação de “Vias Verdes” (onde seriam proibido estacionamento nos dois lados, com sinais computadorizados/sincopados, os ditos “sinais inteligentes”, e com fiscalização séria e imediata, nas vias principais); — Vias Azuis (onde se poderia estacionar apenas de um dos lados, nas ruas secundárias); — Reuniões periódicas com colégios, construtores e estabelecimentos comerciais para encontrar soluções para os “nós” no trânsito causados por eles (multas pesadas, fiscalizações eficientes e investimento em “educação/informação”); — Destinação da arrecadação com as multas tão somente em melhorias do trânsito (sinais, faixas, equipamentos etc. etc.) e “educação/informação” do trânsito; — Criação de equipes de estudo permanentes (que não sejam desmontados com as mudanças de governos), com profissionais especializados e “antenados” com outros centros urbanos nacionais e internacionais.

Enfim, falta se iniciar — imediatamente — um trabalho sério, que se não for pensado logo, planejado logo, executado logo: logo, logo estaremos literalmente engarrafados.